

ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

N.º 68

SEGUNDA-FEIRA, 20 DE FEVEREIRO DE 1905

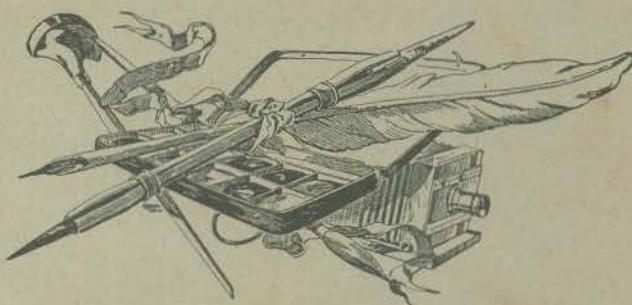
É proibida a reprodução das gravuras e artigos insertos na ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

ASSIGNATURAS

Portugal, ilhas e ultramar	
Anno	8\$000
Semestre	4\$000
Trimestre	2\$000

Brazil	
Anno	52\$000 ⁰⁰ , moeda fraca
Semestre	30\$000

Territórios da união postal	
Anno	10\$500
Semestre	5\$500



LISBOA
Empreza do jornal "O SÉCULO,"
43—RUA FORMOSA—43

JOSÉ D'OLIVEIRA & BARROS - CANDIEIROS E CANALISAÇÕES - T. DE S. DOMINGOS, 28, LOJA - LISBOA

DOTES PARA CRIANÇAS

DE 1 AOS 15 ANOS

Soc. Equitativa dos Estados Unidos do Brasil emite dotações infantis desde a modesta contribuição de

500 réis por trimestre

Com esta contribuição receberá uma criança de um anno de idade, quando complete os 21 annos, a quantia de **70\$400 réis**. Contribuição desde 500 réis ate qualquer quantia, trimestralmente. Cada contribuinte pode, pagas de uma vez, Pecar aportuguesa a Fazenda da Equitativa dos Estados Unidos do Brasil.

Largo de Camões, 11. 1. - Lisboa

Trens com rodas de borracha
Telephone In. 206

Rua das Pedras Negras, 31

Carlos Correia da Silva
Rua Serpa Pinto, 24

Machinas para diversas industrias e
materias para as artes graficas,
motores a gas **GROSSLEY**

Centro Colonial Typographic
Rua da Conceição da Glória
Trabalhos em todos os generos
Preços resumidos

Flores naturaes
JARDIM DE LISBOA
de PEIXINHO (FLORISTA)

Lisbona
49, Rua Nova do Carmo, 49. 9

Chronometre

ZENITH
O melhor relogio em ouro, prata e arg.
Venda em todas as relojoarias.

Casa das Novidades

DE Affonso de Pinho & Coelho da Silva
145, Rua do Ouro, 147

Sortimento colossal de marcas para
COTILLON

Artigos para decorações de salas no
carnaval, sôrtes, cordas, etc., etc.

145, Rua do Ouro, 147



Escola Estephania

48, Rue d'Arroyos, 48

Alunos internos, semi-internos
e externos.— Curso primário, secundário e comercial.

Diretor e proprietário, Agostinho J. Fortes

Antiga fábrica dos doces canelinhos

lançadeiras, galões e rondonas

de ouro e prata na — (Estabelecida

desde 1794 na R. N. de S. Domingos,

70, 1.º Junto à igreja de S. Luiz,

200. 1. — Atualmente Rua de Santo António,

70, 1.º Junto à igreja de S. Luiz.

MAU HALITO

Mosaicos hidráulicos
e cerâmicos de

Goarmon & C.

Azulejos em faiança, de cartão
e em estilo árabe próprios para decorações artísticas.

Catalogos sob requisição

I. do Corpo Santo, 21 - Lisboa

Mexicanos

Boticário charmo para
60 rs. Veratílio ao os
que tem o nome do im-
portador Manuel V. Nunes.

Artefactos de carimbos de **borracha**, madeira e metal de

Adeino L. Pedroso.

Gravuras em todos os generos.

Rua de S. Julião, 108

PANORAMA DA PALESTINA

Rua Antonio Maria Cardoso, 1

O mais extraordinario trabalho artístico que se tem apresentado em Lisboa.

A pintura e escultura dando a mais completa e exata ideia da realidade. Perfeita ilusão d'uma viagem á terra Santa, á patria de Jesus Christo.

Todos os dias das 2 horas da tarde á meia noite

TODOS OS PAES PREVIDENTES
DEVEM segurar a vida na
MUTUAL LIFE, Praça dos Remolares



VIZELLA
RETRÓZARIA
Fim da estação 78, ROCIO, 80
Saldos vantajosissimos
GRANDES DESCONTOS

Steffanina

Chemiserie, cravates
Trousseaux, Gants, Non
venantes

45, Rua do Loreto, 33

Campião & C. Rua do Am-

paro, 118
Lotterias à venda - 10 de abril
50:000\$000
Bilhetes a 24\$000 réis.

10 de Junho
60:000\$000
Bilhetes a 36\$000 réis.

CASA MIMOSO

129, Rua do Ouro, 131

CHEGOU UMA elegante coleccão
de chapéos

Meia estação

CASA AMIEIRO, SUCCESSORES

TELEPHONE N.º 1110

ATELIER DE ALFAIALE

A. C. LOPES & C.
CONFECÇÕES PARA HOMENS E SENHORAS 55, Rua Ivens, 57. 1.º
LISBONA

LOJA DA AMERICA

Rua do Ouro, 206 a 210
Rua d'Assumpção, 92, 94 e 96

Últimas novidades em robes
chambres

Sortimento colossal e variadíssimo
de enxovais
para casamentos e baptizados
MODELOS EXCLUSIVOS

LOJA DA AMERICA

Photographia Oriental
de A. M. ALMEIDA
Campo das Gobolas (chale) - Lisboa
Revistas em todos os gêneros

200
RÉIS

Esta à venda em todas as livrarias, tabacarias e kiosques
de Lisboa e Porto e em todas as agencias
d'O Seculo, nas provincias, Africa e Brazil

O SECULO - NUMERO DO NATAL
Publicação de luxo
feita nas officinas d'O SECULO

GRAVURAS A CORES PELOS PROCESSOS MAIS MODERNOS



ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

José Joubert Chaves
EDITOR

EDIÇÃO SEMANAL
Empreza do Jornal O SÉCULO

Toda a correspondencia relativa a esta publicação deve ser dirigida
com o endereço ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA—Lisboa.

Redacção, administração, atelier de desenhos e oficinas de photographia, photogravura, zincographia, stereotypia, typographia e impressão—Rua Formosa, 43—LISBOA

SEGUNDO ANNO

SEGUNDA FEIRA, 20 DE FEVEREIRO DE 1905

NUMERO 68



ARTE PORTUGUEZA — O DESTRURADO, ESCULTURA DE SOARES DAS JANELAS VERDES

O Destrurado, essa obra prima de Mestre da escultura, nos realça-nos algumas cores de profundo sentimento patriótico que nos abala, nos commove e nos faz vibrar. A estatua é um trabalho superior de execução, a idéa tem em si uma alta expressão de dor e de poesia. O Destrurado é tanto Ulysses vaguando pelo mundo, vencido e desgraçado, sonhando com os bosques da sua Helleinia, com os seus guerreiros e com os céus azuis da patria, como o miserável homem dos nossos campos que parte e vai por esse universo em busca do pão que a sua terra lhe nega. A estatua tem

um grande olhar que impressiona, o ar meditativo, desalentado, e além sobre o rochedo parecem olhar para o lado, vagamente alisando o seu velveteado rosto, vê-se capello, que sobe, cresce para o afundar, que buca levado com elle essa saudade da sua alma, a qual parece transparecer neno todo de pedra d'essa estatua de symbolismo, onde o Mestre põe o traço nerroso do seu inconfundivel cinzel.

CHRONICA

O bom senso

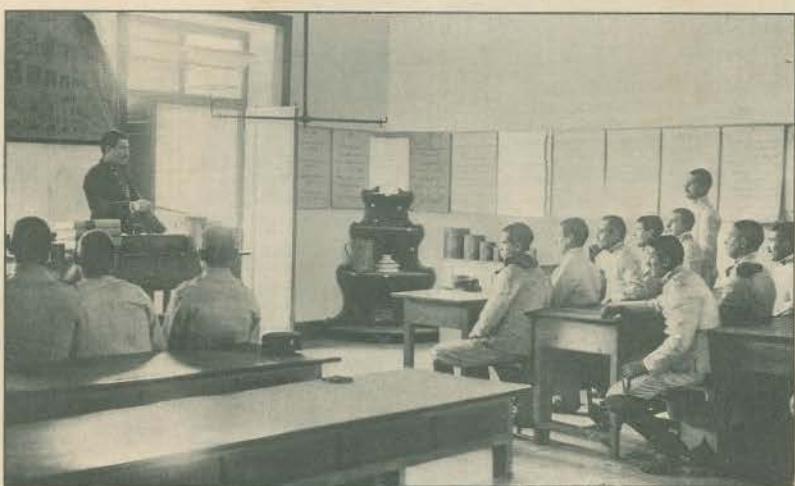
Teem estado uns dias tão lindos que começamos a acreditar ser o inverno entre nós uma mentira. Anunciam-se já a chegada das andorinhas, teem as horas de telegrammas com boas vindas nos jornais como visitantes illustres que chegam a passar a estação das flores, das calmas, da vida que se revigora nos seus palácios d'argilla, abandonados por um habito, quando em outros paizes é verão.

Apesar da inauguração oficial da estação primaveril ser em 21 de março, este anno já as andorinhas chegaram com os seus corpos de beleza, as suas azas cujas pontas parecem vir ainda deformadas pela neve d'outras regiões, com os seus voos ousados e de graça e com as suas saudades dos ninhos onde agora se instalham. Adivinharam talvez a primavera continua d'este anno ou então desejaram assistir entre nós às festas do carnaval, elas que são muitas vezes, como a aristocracia europeia, hospedes de Nice, que estão farras de ver as cavalgadas luzidas e riuidosas, as pequenas carriolas cheias de creanças e enfeitadas a myosotes, as soberbas equipagens enginaldadas de rosas vermelhas, passando em frente das *cíllas* alvas e do mar azul, suave, sem uma queixa e sem uma prega, entre risadas que soam e flores que se jo-



O REGIMENTO DE ARTILHARIA I — A FACHADA.

bairlhenta e viva mascarada em quinta feira de



O REGIMENTO DE ARTILHARIA I — CURSO DA ESCOLA REGIMENTAL.

gam, como se fosse um brinquedo galante de deus n'uma larguissima avenida d'Olympo, com um sol novo e de maravilha, com mulheres deliciosas encolladas por celebres costureiros, vestidas por illustres modistas e que teem o Gotha nos livros de contas correntes. Como se anunciassem um carnaval de progresso, com toda a planthasia, riqueza, elegância e até espirito, as andorinhas vieram com antecedencia para assistirem aos preparos como se duvidassem, como se não pudesse compreender esse requinto de civilização n'uma terra onde as suas mães ainda viram jogar das janelas alqueires de tremoços sobre os transmontes e despejar sacas de farinha sobre as carroagens — n'um tempo em que aumentara o preço do pão — n'um alarde de riqueza e de força, vencendo aquelle que maiores quantidades atrairam às ruas que se vestiam de um branco sujo e durante uma semana guardavam com as fachadas das casas enfarinhadas o cheiro acre das fermentações.

Mas isso que parece já passou, pelo menos assim se anuncia e elas veem para assistir dos beirões dos telhados, como em camarotes, à folgança. Porem é certo que se suprimiram também algumas festas de brilho e de alegria, que com esses cortejos oficiais de carros magnificentes e musicas estrondeantes que regalarão, graças a Deus e à civilização que chega, os nossos olhos anciãos de bello, e os nossos ouvidos desejos de harmonias, acabaram algumas entradas de saber a pochade, repletas de critica, de juventude e de entusiasmo, como as festas da Escola Medica. Este anno os rapazes, em vez de uma reunião para se tratar d'uma

compadres, fizeram uma grève. Os jornais assim o

annunciaram, elles assim lhe chamaram n'um manifesto. Antigamente a essas faltas d'un curso ás aulas chamava-se *pardo*, tinha geralmente um motivo patuseo, quasi sempre por não concederem feriados, acabava á gargalhada e não se faziam manifestos. Agora hamoa-se-lhe *grève*, como uma afirmação de valor teve um serio motivo, o de não concederem o extermínio nas enfermarias, e acabou gravemente, mas também muito portuguesamente no fim de tres dias, sem se conseguir o desejado e appalando para o bom senso, antepondo á indignação, fazendo finalmente como o paiz em frente do batão declarada das eleições na cidade, um protesto pacífico! Os alunos da Medica protestaram no pátio da Escola e foram ás aulas, vencidos, tendo cedido, não se mostrando como bravas mas como velhos carregados de desgostos, de família e do bom senso. O paiz protestou nas lojas de barbeiro, á porta dos cafés, dentro dos lares e aceitou os depuitados que lhe deram, resignadamente e prudentemente ainda em nome do bom senso que desde as ultimas quixotadas dos romanticos começo a ser norma, um fim, um pendão, um grito que estruge desde a Baixa ás entradas das províncias anuncian-do uma era de pazentes para o Carnaval e para a moçidade das Escolas. Decerto ponce se pensa de que se no mundo sempre tivesse existido esse apregoador de bom senso, nem a selencia teria feito descobertas por vezes bem perigosas, pelas quais se arriscaram vidas, nem essa mesma moçidade podia encher a boca com o nome de Vasco da Gama o qual foi um tanto glorioso, decerto, por ter sido tambem um tanto... atrevidote...

ROCHA MARTINS.



O REGIMENTO DE ARTILHARIA I — EXERCÍCIO DE FOGO



REAL THEATRO DE S. CARLOS — A SCENA FINALE DA OPERA «GRISÉLIDIS» DE MASSENET

O MAESTRO MASSENET

Autor da opera

COMMENDADOR JOSÉ PACINT
Empresário do teatro de S. Carlos
ASTURIO D'ALMEIDA
Doménio

SOPRANO ALMANSI
Flaminia

SANTOMO STASCI
Prior

BALLO MUSICALI
Grandeband

LUIZ
O filha de Grisélidis

SOPRANO MARIA RODRIGUES
Grisélidis

SANTOMO ARCHANGELI
Marquês de Salnece

MAESTRO VICENTE LOMBARDI
Director da orchestra de S. Carlos
TEORO ACERRE
Alain

A *Grisélidis* é um velho conto do século xii, é um d'esses misterios que andam na tradição, que saem da boca do povo para a inteligência dos escritores, que vêm das narrações ingenuas feitas junto à larvia para a literatura onde são por vezes tomadas, como é o caso, muitas vezes, por autores de teatro e de romances de Gothic. A operá passa-se d'uma mansão encantadora e a música de Massenet é-lhe bem própria. Grisélidis é uma pastorinha gentil que vive pelos bosques e é amada pelo pastor Alain, um rustico de alma suave que a segue e a adora. Mas o marquez de Salnce faz da pastora sua esposa, com ella vive no seu castello feudal,

dá-lhe filhos, e continua a sua infelicidade em interromper o para onde o filha deve partir deixando a esposa entregue ao Pior, um santo valente que o Diabo vom tentar. Falalhe de Grisélidis é da sua honestidade que o pobre encerdoce pôr à prova oferecendo a Mphistophéles, o proprio anel nupcial da mansa.

Por todos os modos o Diabo tenta a hora de Grisélidis, à envia-lhe Alain, o antigo amoroso, já aparecendo vestido por varias formas e chega a mostrá-lo o proprio anel nupcial. Ela com effeto joga vir n'issò a vontade do marido,

e vai ceder, quando lhe apparece o filho, o pequeno Luis, que assim salva sua mãe. A crianci é rapida pelo inimigo, Grisélidis não sucede e o diabo, vencido, busca demonstrar a mansa a infidelidade da esposa, a que não consegue. A poesia acaba com o desencontro entre o diabolico Mphistophéles e como as lindas e creches pombas d'uma mansira em que o Bem triunpha do Mal, em que Deus vence os maus, em que a felicidade se espalha em que o castigo vem aos inimigos. A musica é primorosa, e a interpretação deliciosa por parte de todos os artistas.

A SR.^a BOYER NO 1.^o ACTO (GRISÉLIDIS)

SOPRANO ALMANSA (PIAMINA)

A SR.^a BOYER NO PROLOGO (GRISÉLIDIS)TENOR ACERBI (ALAIN O PASTOR)
OS INTERPRETES DA OPERA «GRISÉLIDIS» QUE SE REPRESENTOU NO REAL THEATRO DE S. CARLOS

BARYTONO D'ALBORA (O DIABO)



BARYTONO ARCHANGELI (MARQUEZ DE SALUCE)



ACTOR VALLE—EMPREZARIO DO GYMNASIO

DULCINEA—L. REIS
PILAR—PEPE—THERESA—B. PARES
PETRA—JUSTRITA
D. JOSÉ FAMALHUA—VALLE
ASUNCIÓN—JOSÉTEA MARQUES
FERNANDO OSORIO—SACRAMENTO
CAPITÃO SALVADOR MELLO—A. MACHADO

A SCENA FINAL DO ESSEGUNDO ACTO



CAMARA LIMA

JULIO SALAZAR—SIMONE COELHO
JOHN—ALEGRIM—CAPITÃO SALVADOR MELLO—A. MACHADO
DR. PERDIGÃO—JOAQUIM D'ALMEIDA
BARÃO FERMOELHA—A. P. FERREIRA
D. ROSA MASCARENHAS—BARRADA
LAURA DUBROSA—P. TORRES
FERNANDO OSORIO—SACRAMENTO
JULIA—M. LAGOA

A SCENA FINAL DA PEÇA

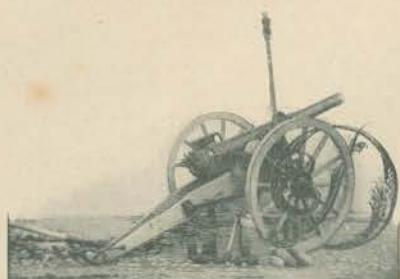
«CARAMBA» COMEDIA IMITAÇÃO DO SR. CAMARA LIMA E REPRESEENTADA NO GYMNASIO EM BENEFICIO DA ACTRIZ BARBARA

A comédia tem grada a valor e um enredo deveryas interessante. Trata-se de um individuo que anda perdido d'amores por uma hançinha, dançarina de circo e enja que é donadura de leão. O paiz, um antigo tenente, é infiel à esposa, com a criada da casa. Um dia o poléis vê se forçada a intervir n'esses amores e elle dá o nome do namorado da filha, escapando assim à faria da mulher. Porém, a autoridade vai procurar o namorado da dançarina no proprio lar onde a esposa, que o amava, bem como a sogra, ficam espantadas, conseguindo elle no entanto desmentir a

acusação graças à confusão da dançarina com a criada, mas não obtendo o mesmo em relação à mãe d'ela, que d'ahi em diante se torna n'ama víbora, o que de resto era a sua condição fatal sendo sogra.

Barbara e Joaquim d'Almeida representaram d'uma inexprimivel maneira os seus papéis. Palmyra Torres e Machado muito bem o Alegrim; mais uma vez mostrou todo o seu valor, assim como Sacramento, apesar dos papéis serem superiores às suas forças.

OS REGIMENTOS DE LISBOA—ARTILHARIA N.º I



UMA PEÇA KRUPP

quando foi da reorganização do exército, elles passaram a ser designados pelos numeros, creando-se quatro corpos d'artilharia.

A Artilharia da Corte fora criada em 1762 juntamente com a sua aula e aquartelava-se na fortaleza de S. Julião da Barra com 14 companhias, num total de 1460 homens. Mas em 1790 foi reduzido o numero de companhias a 12, e em 1795 foi fixado

EVIDO à muita amabilidade do ilustre oficial d'artilharia e distinto escritor Maximiliano d'Azevedo, publicamos hoje o artigo seguinte, cujas informações aquello nosso collega gentilmente nos enviou.

Artilharia 1, que está aquartelada em Campolide, chama-se outora Artilharia da Corte. Nesse tempo os regimentos tinham os nomes das terras onde faziam guaranção e só em 1800,



ESCOLA DE PARELHAS: MONTAR A CAVALLO

nem a nossa bandeira, nem os nossos bens, nem a nossa existencia, nem mesmo Deus, perante cuja imagem os franceses, mais por alarde que por ideal anti-religioso, recusavamjoelhar.

A artilharia também cumpriu o seu dever em toda essa grande guerra da peninsular, cujo epílogo sinistro, espantoso, devia ser em Waterloo, com o derruir d'esse trono, que fez mal barulho do que nenhum outro ao cair, talvez porque era de molde a aguentar o colosso dominador, o imperador, vitória, n'esse anno de 1814, das traições de Ragusa, das combinações perdidas de Taylerand.

Passaram tempos. Foi um pouco agitada a vida nacional. O João VI tremeu no trono, a revolução de 20, romântica e desgraçadamente de pequenos efeitos, atirou o braço da Liberdade, veio D. Miguel com a sua andadice de príncipe educado para viver no povo o escravo, com a sua incompetência, com as suas fantasias cheias de piheismo; as correrias, as ecaçadas, as provocações. Evora-Monte vingou a nação ultrajada. D. Pedro IV cimentou o trono para sua filha. Então em 1834, já ressabelecia a ordem, reorga-



O AVANÇO DA PEÇA

em 1200 soldados o regimento. Na guerra de Rousillon e na Catalunha (1793-1795) tomou parte o regimento d'uma brillante maneira.

As nossas armas tiveram ahi grandes feitos, nomes de generais se impuseram, e de serra em serra, de quebrada em quebrada, os portugueses disparam as suas armas, fizeram as suas marchas, com esse regimento de glória que n'outros encontros havia de demonstrar o seu grande valor e o heroísmo dos seus soldados.

Em 1801 criaram-se duas companhias de *artilheiros cavaleiros*, ao correr o rumor de guerra com Espanha. Mas em 1804 foram dissolvidas essas companhias.

Na invasão francesa a nossa passividade não deixou brilhar nenhum dos regimentos da cidade, apenas se sabe de um ou outro protesto isolado, d'uma ou outra frase d'oficiais que, como Gomes Freire e Alorna, se tinham tornado celebres nas anteriores guerras, um tomando Bosaens e Fizera, na Espanha, o outro mostrando-se nas batalhas com a mesma serenidade como se estivesse n'um salão.

Vieram pois os franceses; chegou a dominação do duque de Abrantes. O estado do espírito publico era ignobil. Por todos os lados a decadência. Não se respeitava



INSTRUÇÃO DA PEÇA: O INTERVALLO

nison-se o regimento de artilharia com tres batalhões d'esta arma, que andavam no exercito libertador. Chamava-se então ao regimento o 1.º de artilharia e tinha duas baterias a cavalo, seis montadas e oito de posição, com a força de 1.470 homens, 38 cavalos e 98 muares. A nova organização de 1837 deu-lhe 1 bateria a cavalo e 7



OS FERRADORES



APRESENTAR ARMAS

montadas com a força total de 808 homens, 115 cavalos e 200 muares.

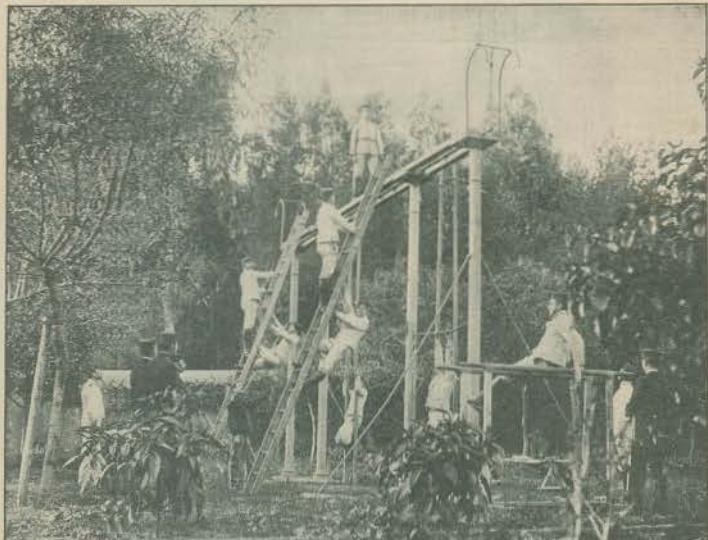
Artilleria n.º 1 esteve a quartelada em Belém, na calçada d'Ajuda, onde hoje se encontra cavalaria 4 e também no edifício que pertence presentemente ao hospital militar na Boa Hora. Passou depois para o Caes dos Soldados, ocupando um quartel que ali existiu pertencente ao Museu de Artilleria e que foi desmobilizado para edificar a estação do caminho de ferro de Santa Apolónia.

Instalou-se tempo depois em Campolide que é um dos melhores quartéis da guarnição de Lisboa, magnífico sob todos os pontos de vista, higiênico e bem disposto, com divisões para os diferentes serviços d'essa arma toda científica. Alguns dos comandantes de artilleria 1 foram celebrados,

bres, sendo ainda hoje citados os seus nomes como de bem distinguidos oficiais.

Guilherme Valleré deve ocupar entre estes um dos primeiros lugares, porque a par da sua aptidão como oficial d'artilleria o forte da Graça, em Elvas, justamente chamado o mais bello forte do rei-

SR. CORONEL GOMES DA COSTA
COMANDANTE D'ARTILLERIA I



INSTRUÇÃO DE GYMNASTICA



A. FIDELINO, PLANO 1º, capitão Vicentello, capitão Palmeiro dos Santos, capitão Branco, major Avila da Graça, coronel Gomes da Costa, tenente-coronel Rocha, major Pereira da Silva, capitão Nogueira Duarte, capitão Carvalho da Silva.
SEGUNDO PLANO: capitão Pessoa, capitão Chagas Parreira, capitão Moura Mendes, tenente

J. Froes, tenente Garcia, tenente Henrique, capitão Lourenço, alferes-médico Manso, tenente Amílcar Pinto, tenente Vida Lobos, alfaiate-Santo, alferes Rogério, tenente Pedro, tenente Vallejo Marques, capitão Pestana, capitão Francisco, tenente Cruz, tenente Coutos, tenente Vallejo Marques, capitão Pestana, capitão Francisco, tenente-médico Figueira, alferes Monteiro de Barros, tenente-veterinário Barros.

mo, e obra sua e attisa bem o seu valor como construtor militar, ao fazer esse prodigo de defesa que admira todas os entendidos em assuntos de defesa e de estratégia.

Houve outros comandantes que deixaram nome no exército, dos quais ainda hoje a família militar fala como d'uma antepassada querida dos quais, a par das bellas qualidades, valem as anedotas, os ditos do espírito, por vezes as suas phraseas para com os soldados que os estimavam sempre.

Neste caso estão os coronéis José Marcellino da Costa Monteiro — um dos mais abalizados oficiais d'artilleria que tem havido entre nós, — Geraldo Saldanha, José Diogo Zuchelli, Paulo Eduardo Pacheco e alguns outros.

Dos oficiais que actualmente pertencem ao ge-



POSIÇÃO D'APONTAR

neralato, foram também comandantes de artilleria os srs.: Antônio Cândido da Costa, Francisco Higgins, Craveiro Lopes, Pedro Coutinho da Silveira Ramos, generais de divisão, e Vicente Ferreira Montalvão e Francisco da Silva Reis, generais de brigada.

É justo citar também o nome do actual comandante de artilleria n.º 1, o coronel sr. Gomes da Costa, que, com toda a gentileza e amabilidade, nos auxiliou para que posséssemos inserir na *Ilustração* diversos aspectos da instrução dos soldados e das diferentes fases dos bellissimos exercícios d'esse brilhante regimento, todo de tradições, de bravura e de coragem, e cujos heroismos a descreverem-se dariam um bello volume na história do exército português.



A REVOLUÇÃO NA RÚSSIA—OPERAÍOS EM GREVE VIGIADOS PELA TROPA

Uma das grandes forças da revolução russa consiste sem dúvida no abandono das oficinas. Os operários sentem-se pagos por um preço inferior aos que as suas mais argentes necessidades reclamam. e d'ahí a revolta geral nascida da fome e da escravidão a que estão sujeitos. O jornalista hebreu holandês Morato, que se encontra em S. Petersburgo, diz para os jornais que a miséria

nessa cidade chega a causar verdadeiro espanto. Atravessando o bairro de Vassily-Ostrow se encontrou casa onde podiam vivet apenas três ou quatro pessoas habitadas por vinte e trinta desgraçados.

No coração da capital e n'essas casas homens e mulheres vivem n'uma horroiosa promis-

cuidade com crianças assim se animam e desenrolam os ríacos assim se preparam criminosos, pelos contatos e pela miséria, e também se fomentam esses rebeldes que estalam terrivelmente como a actual. Toda aquela gente miserável vive quasi sem pão, sem ar, sem luz, muitos morrem de frio, alguns morrem de fome. E' como uma condenação eterna, como uma Sibéria permanen-

te a onde vivem aqueles que não cometem a mais ligeira falta, onde as crianças começam a sofrer as dores a mais amargas logo nos nascem. D'ahi o estado de agitação que se levanta, d'ahi essa revolta dos operários a trabalharem, e a força armada protegendo os patrões a vigiando as fábricas onde aísgua mais ambiciosos e maiores escravizados ainda vão ganhar o pão negro.

[Segundo photographia]

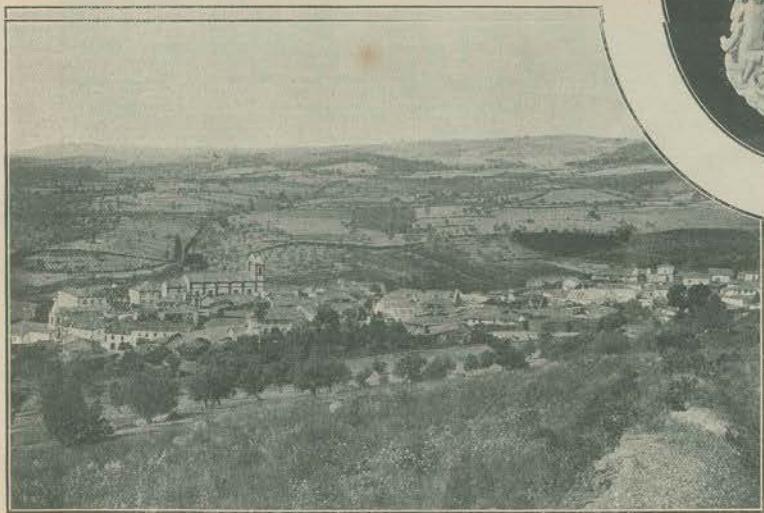


A REVOLUÇÃO NA RUSSIA—OS SACERDOTES FALANDO Á MULTIDÃO NOS PRIMEIROS DIAS DOS TUMULTOS

Alguns sacerdos russos, talvez para mostrar atração para grande opressão, se *pope* Gapon, talvez por bem servirem a repressão de feitos que os levaram, e ainda em apoio, vieram reverenciar das suas insignias. Para as suas nos primeiros dias dos tumultos, buscando ser ouvidos pela multidão revolucionária. Alguns foram perseguidos, outros escaparam-se à fúria dos operários revolucionários, porém em alguns lugares o espetáculo chegou a ser trágico, pelas círcu mortâncias especiais que revestiu. Os

padres diante da multidão exasperada falavam lhe de Deus e dos seus deveres para com a criação e com o povo, descrevendo de novo as Ressurreições e o povo responsável pelas suas risadas, com impudicência, embaraço e atônito se o que se passava, enquanto as tropas andavam em correrias e calam os populares e alegres soldados. Por todos os lados sangue a jorros, a luta de dois lados; d'um grupo salindo a revolta contra o instituído, do outro a defesa do existente, e a morte terrível e

affrontosa entre esses homens forzados a atacarem-se. Por fim o povo derroga e retira os sacerdotes exaltados que Vichy propagava, pelo contrário, o povo permanece e dirige da terra os soldados rebeldes, que não interverão a voltar-se as suas predras na praça d'uma povo que malha escuta os discursos de Gapon, também sacerdote, mas que lhe fala mais das suas amarguras e dos seus deveres de rebeldia que da obediência ao despotismo governo.



VILLA FLOR

VILLA FLOR é celebre polas nascentes das águas de Bem Saude. É um povoado lindo a que o rei D. Diniz deu alvata em 1286, mudando-lhe o nome de Povoa d'Alen Sabor para o de Villa Flor. D. Manuel deu-lhe um novo foral em 4 de maio de 1572. Pertence ao distrito de Bragança. A comarca foi criada por decreto de 20 de setembro de 1890 e foi instalada em 20 de agosto do mesmo anno. Além da

igreja matriz tem a igreja da Misericordia que foi construída com o projecto do rendimento das medalhas e mestrais, privilégio concedido por el-rei D. José em carta régia de 18 de janeiro de 1763. A capela de Santa Lúcia, antiga igreja matriz, foi demolida malmendrada; não tem grande arquitectura, mas vale muito pela antiguidade. A Villa é belissima, cheia de pitoresco e de verdeira e tem as magnificas



águas de Bem Saude conhecidas em todo o país. As nascentes ficam a 7 kilómetros da villa e também à mesma distância está o santuário do Nosso Senhor da Assunção do Cabego de Villa. Bons que é de consumo muito bom. Em maio faz-se ali uma bella feira à imagem, a qual começo em agosto, sendo muito interessante as sombras que se recehem e que já chegaram a atingir a quantia de 150000000 reis.



A REVOLUÇÃO NA POLONIA — TUMULTOS EM VARSÓVIA

A Polónia russa, essa escrava de que a Europa tem piedade, sempre que uma guerra, uma luta intestina, ou um momento de desgraça toca o colossal império que a domina, mostra-se, revolte-se, da o sinal de Varsóvia, mostrando que a Polónia, dada à esperança de ser livre, de novamente ser governada pelos descendentes dos seus reis, de gozar de beatifica, de poder erguer monumentos a esses heróis na-

cções que Schleswig desenhou nos seus romances de patriótico alicerce, d'um fado de rebeldia contra o russo poderoso e despotico. Agora, ante as dificuldades que se lhe apresentam, a Polónia, que é a alma da Europa, que é a liberdade europeia, que é a cultura europeia, que é a civilização europeia, que é o progresso europeu, que é o progresso do mundo, Varsóvia revolte-se também e logo os cossacos que os polacos tem como dominadores directos fizeram morticínios e receberam por isso louvores. Porém,

os habitantes de Varsóvia souberam responder-lhes e muitos dos soldados caíram mortos assim como alguns oficiais que foram arrastados pelas ruas n'uma vingança, a uns desgraça indigna, mas própria das multidões exacerbatas diante do despotismo e da opressão da sua nacionalidade.



S. JOSÉ

Estas formosas estátuas de madeira pintada, actualmente expostas na igreja do Loreto, foram encomendadas a um imaginário de Brescia que se chama E. Righi. Uma delas representa o Sagrado Coração de Jesus. A figura é de tamanho natural, parcialmente desnuda, o corpo enfermizo, como convinha à natureza mortda de Cristo clássico, adivinhava-se sob um rosto carnudo que se ajusta as formas e cas em requebres flexíveis, conjugamentos com o manto azul claro, cintando-lhe os ombros.

AS DUAS NOVAS IMAGENS DA EGREJA DO LORETO

A escultura da Catedral é estarmosa e languida, iluminada o rosto divino, cheio de passos e mordões que symbolizam o culto da religião.
A outra, de S. José, com o menino Jesus no colo, ostenta um modo direito e terra firme, que não é assim, o seu rosto, embora um tanto amarelo, é de S. Simão, que encobre um rosto que é a carneção de Jesus magnífica, contrariamente à do Cristo, chão da vida paixão. Mas se o corpo de S. José revela uma bela plenitude rígida, o resto do Cristo sobreleva todo o encanto d'esta



O SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS

figura, cuja expressão não é tão sublime, nem proporciona tamanho esplendor. Estão estas imagens colocaçadas, por enquanto, em duas peanhas provisórias, dos lados esquerdo e direito da igreja. Depois serão encerradas nos dois altares laterais da nave, substituindo respetivamente os quadros — «Cela do Senhor» e a «Visão do Espírito».

A igreja do Loreto tem acorrida muita gente para admirar a formosura das duas imagens expostas.

O GRANDE CAGLIOSTRO

NOVELLA HISTÓRICA

ORIGINAL DE CARLOS MALHEIRO DIAS

—Não, lord! Era uma humilhação! A generosidade inglesa tem-nos custado cara... Não vá julgar que en accuso a Inglaterra de servir os seus interesses comerciais, de dilatar os seus domínios ultramarinos, à custa da nossa infécula e da nossa fraqueza... Não é nossa mãe a Inglaterra. Quando uniu, tem consentido em ser a nossa madrasta. Bom andou o marquês em recusar-lhe os serviços. Não o intimidavam as ameaças de Hespanha e da França...

—A Hespanha é podorosa, Alteza...

—Nunca foi prospéra em Portugal a sorte das armas hspanholas...

—O marquês lançaria o país na guerra...

—Justamente, lord!

—A guerra é uma ruína...

—Uma ruína de que se enriquece a história! Antes uma guerra ruinosa que uma paz vergonhosa, lord!

—O marquês poderia perder...

—É certo. Mas a nação, nunca! O patrimônio dos povos consiste mais na sua honra que nos seus bens! Preparara-se o marquês para a guerra e diante da sua energia já recuara o gabinete de Madrid, fazendo cessar as hostilidades na América. Cuidou a Hespanha intimidar-nos. Compreendeu que não cederíamos a intimidações e nos preparamos para defender polas armas os nossos direitos. Tinha o marquês sessenta mil homens nos quartéis e setenta oito milhôes de cruzados no orçamento. O conde de Florida-Blanca julgou os homens suficientes e os cruzados excessivos. Com menos gente e nenhum dinheiro tinhamos destronado as armas de Hespanha em Aljubarrota... Mas mais do que os exercitos, pela integridade e honra de Portugal velava a energia do marquês! Ele só continha em respeito a França e a Hespanha colligamus! Por isso mesmo o desterraram, o baniram, o julgaram, o condenaram...

—Era sempre uma partida arriscada, Alteza...

—Era... Não a podiam jogar politica!

—Era rematada imprudencia...

—Era... Exactamente como quando o marquês exigiu satisfações ao governo britânico, por um almirante das esquadras inglesas ter violado a neutralidade marítima de Portugal. Lord, se apenas os acasos de uma viagem de recesso o trouxeram a esta terra, escusa de ir a Marrocos para ter a pitoresca impressão de um país fanatico e decadente, infestado de mendigos e carcomido de lepra! Mas se n'entra missão nos visitam, não comece de dizer em Inglaterra que nem todos, em Portugal, vêm, sem amargura e revolta, esta invasão do obscurantismo e da intolerância, este declinar de prestígio e de grandezal! E' da decadência das pequenas nações que se alimentam os grandes impérios!

Lord Beckford ouvia, boquiaberto, aquellas explicações inflamadas, sem já tentar uma replica a esses discursos vehementes.

Mas D. José, diante da sua grave surpresa, emudeceu, como arrependido de ter avançado em demasia por um caminho perigoso; e de repente, sereno e risom, exclamou:

—Mas que tem o lord com os nossos negócios políticos! O lord viaja para se distrair e devem-lhe ser profundamente indiferentes os nossos males...

—Nada do que possa interessar esta terra hospitalaria é indiferente ao meu coração, Alteza...

—Sim; ao seu coração de viajante... Parém outras coisas lhe devem interessar mais... Gostou de Pálhavã, lord?

—É um bello palacio italiano, com magníficos jardins e óptimas estatuas...

—Sem horizontes...

—E com uns tristes labirintos de morta tsoquida, que me lembraram o feio dédalo dinamarquez, plantado pelo rei Guilherme em Kensington, e que Jorge III teve a boa inspiração de mandar arrancar... Quantos belliços são os canteiros de rosas!

—Gosta de rosas?

As de Pálhavã eram dignas de juncar o leito de Aspasia!

—Tambem em prefiro as rosas aos labirintos! disse D. José, com a intonacão de quem pensa.

—Estranho espetáculo, Alteza, o desses jardins pagões cercando esse palácio conventual!

—Por toda a parte verá essa contraste, lord! Conventos, oratórios, capelas, cruzeiros, grades de colas, carcereis de inquisição; rezas, novenas, penitências, processões; o habito e a sotaina invadindo tudo; o perfume do incenso cobrindo o aroma das rosas; os terrores do inferno escurcendo as alegrias da vida... E o céu azul e pugno a protestar contra esse catolicismo intolerante!

—Somos um paiz dominado pela igreja! Mai se pode respirar em Portugal! Mesmo aqui em Queluz os sinos, os confessores e os frades me perseguem! Isto parece uma terra moribunda, a que a igreja está ministrando a extrema-unção! Deve ter saudades de Inglaterra, lord?

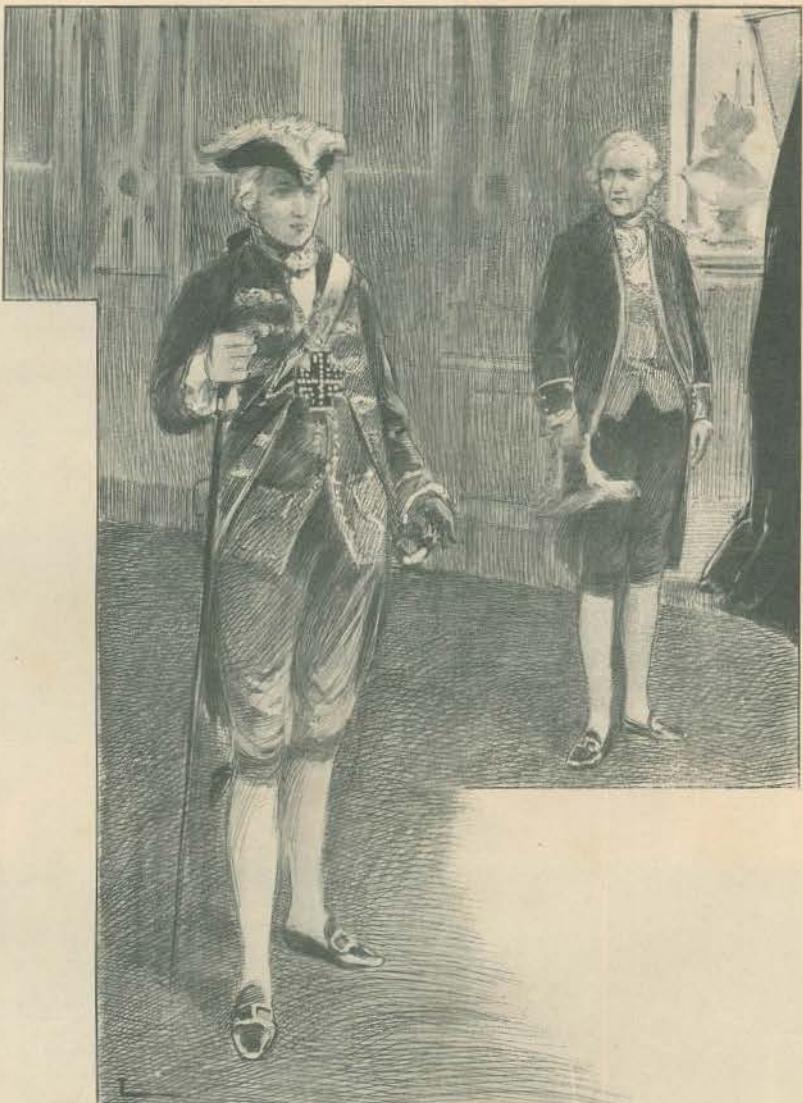
—Não ha este sol em Inglaterra, Alteza!

—Mas ha a liberdade, que é o sol do pensamento!

—A nossa primavera é um novoирio perpétuo...

—A nossa vida é uma noite constante...

Lord Beckford inclinou a cabeça, comprehendendo a inutilidade das suas contradições.



D. JOSÉ DEU ALGUNS PASSOS ATRAVÉS A SALA

D. José deu alguns passos agitados através a sala, parou de chafre em frente a lord Beckford.

—Sei que visitou na Ajuda o meu gabinete de physica...

—Onde muito admirei a perfeição das machineis e instrumentos, dispositos n'uma ordem admiravel, Alteza...

D. José suspirou e sorriu.

—É certo que estão bem dispostos. Foi um homem de grande saber quem dirigió esses trabalhos. Mas apesar do alto preço por que pagueli os instrumentos, os vossos Ramsdens e Dollands foram mais generosos comigo do que comigo!

Lord Beckford fez um invencível movimento de orgulho offendido.

D. José mordera o labio, disse com precipitação:

—Credo estar fallando a um homem superior e ilustrado, despido de cegos e fracos preconceitos a favor do seu paiz, vendo as coisas como elles são, mais como filósofo do que como patriota... A avidas commercial que os ingleses manifestam em todos os negócios tem-nos custado cara em mais de uma circunstancia. E não me refiro agora aos meus instrumentos de physica...

—Já Vossa Alteza m'o fez sentir... —observou lord Beckford com gravidade.

—A nossa pobreza tem enriquecido a Inglaterra. A nossa prosperidade seria o pesadelo dos vossos estadistas! Estou convencido de que os vossos políticos liberais

não ponham esforços para nos conservar no obscurantismo!

—Senhor! —exclamou lord Beckford como um protesto.

—Não vá pensar que eu os accuso! Nós merecemos tudo isso e ainda peior, pela nossa humilde acquinsecia a todas as medidas que o vosso governo dicta! Mas quem admira isso, estando nós opprimidos e rebaixados por pesadas e inutiles instituições! Quando ha tantos zangões na colmeia, é em vão que se conta com o mel! Teve El-Rei meu avô um grande ministro, que de todos os meios lançou mão para libertar o paiz da tutela inglesa... Hoje, mais do que nunca, vivemos só a vossa dependencia! A industria voltou a deperecer, o comércio decaindo. O vosso embaxador lord Tirawley ficaria contente, se pudesse sahir do tunulo o fazer-nos uma visita...

—A proibição da sahida de metas preciosos, com que o marquês de Pombal julgou resolver o problema económico, era evidentemente uma medida sem alcance, Alteza... Desde o momento que a produção agricola e industrial do paiz não era suficiente para o seu consumo, a moeda havia forçosamente de sahir. E quando o marquês conseguisse captivar-s, outra cosa não teria obtido mais do que depredar-a, Alteza...

—Se a medida não tinha alcance, muito me surpreende que tanto tenha alarmado a Inglaterra, que nos expediu um embaxador especial para a annular!

— Todavia, o marquez deixou de a executar, passados meses... — replicou lord Beckford, sorrindo.

— Nunca o supus tão ao corrente dos nossos acontecimentos políticos, lord! Ignorava nos viajantes ingleses essa minuciosa erudição sobre os países que visitam por simples curiosidade... O lord dava um óptimo embaixador...

Lord Beckford empalideceu levemente, abriu os braços, n'uma atitude modesta:

— Ao meu compatriota Horne, conselha Gran-Bretaña em Lisboa e meu companheiro de excursões, tenho ouvido estes interessantes esclarecimentos, a que presta, aliás, pouca atenção...

— E faz bem, lord! O seu conselhista desfigura por tal forma os acontecimentos, que é difícil reconhecer-l-o! A medida do marquez, se pode parecer ao honrado senhor Horne um contrassenso económico, não deixou por isso de nos trazer os resultados que tinha em vista o ministro, ao pronunciá-l-o! O domínio português remanesce e prospera. As indústrias desenvolvem-se, Escaudado será provavel-ho, lord. A Inglaterra sentiu-o.

— Portugal tom, no concerto europeu, um brilhante lugar, Alteza. As suas extensas colônias, a actividade do seu povo e os seus recursos consideráveis garantem-lhe um futuro brilhante.

— É certo, lord! Muito me lisonjeia o estímulo de acordos. Polos seus vastos domínios ultramarinos, Portugal é o maior império da Europa! Pelo seu passado glorioso, Portugal é a Roma christã! Falou-nos apena um homem, rei ou ministro, que despojando o povo da sua incerteza, desaligando-o da sua escravidão, dando-lhe a liberdade e resgatando-o da igreja, lhe confiou a missão, que hoje só compete ao povo, de egualar o nosso futuro ao nosso passado. O reinado da nobreza acabou, lord! A inteligência prevalece hoje no sangue! Os monarcas deixaram de ser os pastores terríveis dos povos, tangendo-os com o sceptro, como rebanhos, para a guerra, para o carcero ou para a fogueira! São já inimigos os inquisidores-mor, os tyrânomas e os despotas! Quando tivermos menos frades nos conventos e mais navios de comércio nos mares, ministros mais habéis e confessores menos fanáticos, uma nobreza menos pôderosa, e um povo mais livre, menos orgulhos e mais oscolas, menos prerrogativas reais e mais privilégios populares, então Portugal deixará de parecer aos estrangeiros uma feitoria do Gran-Turco! Vós tendes na Inglaterra o exemplo de quanto pode a revolta do povo contra a tirania do seu rei! Os Estados Unidos da América devem a sua independência ao vosso despotismo! Vede a gloriiosa obra de reforma a que está promovido no Império a Magestade Apostólica!

— Vossa Alteza admira-a?

— Admira-a, lord! Tenho a certeza de me corresponder frequentemente com o Imperador José II. O duque de Lafões, que também gosta a vantagem de se comunicar com elle, não deixa nenhuma de me dar os parâmetros dessas salutares medidas. Quando tivermos nós a coragem de imitá-las! Não será, nor certo, enquanto tivermos um frade ignorante como director espiritual da Rainha e occiso susurro da nação! Não será, por certo, enquanto tivermos como ministro do reino o inepto visconde de Villa Nova da Cerveira, como presidente do orçario o incapaz marquez de Angeja, e por toda a parte os fidalgos a mandar, a dispor, a tyranizar, a corromper, a dissolver, a saquear? Mas um dia ha de ser, lord! Parece-me lér na sua face a inquietude e o espanto! Por acaso os meus projectos e as minhas ideias o contrariam, lord?

— Senhor, eu sou apenas um viajante, que passa...

— Essa frase, lord...

— Desagrada à Vossa Alteza?

— Não. Recorda-me alguém que hoje m'a repetiu diversas vezes... Algum de quem me tinha esquecido... Faça de conta que não me ouviu, lord! E' for de dividida que as minhas ideias lhe desagradam e as minhas reformas o inquietam...

— Esses nobres entusiasmos a essas reformas liberais são privilégio de espiritos cultos e de almas bondosas, como a Vossa Alteza...

— Mas o lord consura os entusiasmos e condonna as reformas... Não o nego! Leio-o nos seus olhos! Vejo-o no seu rosto!

— Senhor, é meu convencimento que os povos, depois de tão longos séculos de trevas, só serem despertos por um torrente de luz, ficam mais cegos do que alumiados...

— Lord, essas palavras as ouvi ao Arcebispo confessor...

— O Arcebispo é um frade ignorante, lord!

— O Arcebispo é o director espiritual e o conselheiro político de Sua Magestade, — replicou lord Beckford com irritada surpresa, diante d'aqueila systematica demolição.

— D. José empalideceu, balançou a cabeça.

— E'! E' em quanto prepara para o seu alma da Rainha, prepara para o aniquilamento total o seu reino! Salva-lhe talvez a alma, mas perde-lhe cump certezas o trono!

— Senhor, envidava que o Arcebispo devia a sua enigmática situação á confiança do marquez de Pombal, enigmáticos talentos Vossa Alteza tanto admira.

— Os marqueses felizes confessores nunca premeditam fazel-o ministru! Antigo soldado, frade orgulhoso, escohen-o o marquez, no período da luta com a curia romana e os jesuítas, para confessor das Princezas, convencido de que o seu espírito estreito não distillaria o veneno subtil do fanatismo em corações crédulos de

mujeres. Essa escolha não o hora e lisongeia, lord!

— Foi o bispo de Penafiel, e, o marquez

— É certo. Com essa nomeação servia ainda a sua política, arrancando á Igreja poderes exagerados e perigosos, distribuindo os altos cargos eclesiásticos a homens de inteligência vulgar, sobre os quais pudesse continuar a exercer influencia absoluta. Frei Ignacio fugira um dia de Chaves, onde era soldado, para Salamanca, a estudar teologia.

— Salamanca é uma Universidade, Alteza

— Foi. Mas o soldado não trouxe nenhuma capello! Mal se matriculara, sahiram-lhe ao encontro os irmãos, que o arrancaram de entre os dentores e com boas fallas o trouxeram para Portugal. — Abi está porque frei Ignacio, que se preparava para Santo Agostinho, não passou de um carmelita descalço, e podendo a estas horas estar regendo em Salamanca uma cadeira de canones, embrulhado na murça de um dotor, está presidiendo aos destinos de Portugal, embrulhado no seu habito de carmelita... Ouvia dizer que era um homem liberal? Sim; talvez! Ouvia dizer que a seu oposto à entrada dos jesuítas era formal? Sim; talvez! Ouvia dizer que elle só, fazendo face à nobreza e à curia, impedia que a comunhão de Jesus voltasse a dominar e a intervir nos negócios do Estado? Sim; talvez! Mas no íntimo, esse frade é tão papista como o V.º Papa! Para defender a sua grandeza, o seu arcebispado *in partibus*, o seu confissorio real, e só com essa mirra, contem os jesuítas assaltados! Devem ter-lhe dito que o Arcebispo tem por mim grande afecção? Sim; talvez! Mas vã comunicar-lhe o

seu paiz, mesmo contra a propria consciencia? Não: não lhe era lícito, nem lhe convinha abusar do seu segredo para o tirar á face do seu adversario. A sua instintiva nobreza repugnava que aquelle inglês o pudesse suportar capaz de abusar da postura proeminente de principe para o caçar, desprevenido, n'uma armadilha preparada com antecedencia. Que provas da sua espionagem, mais do que a sua reserva e os misteriosos interesses de uma permanência em Portugal, tinha elle para responder ás inevitáveis negativas, que o lord haveria de oppôr á sua accusaçao? Sórdio inutil desmascarar! A voz de Cagliostro parecia ainda n'aquele momento segredar-lhe prudencia, recomendarlhe a dissimulação. Mas a sua valia de patriota e de principe sofriram o vexame d' aquella superioridade benevolente de lord Beckford. Elevava-se na sua alma, ao escutar-lhe as hóstias obatidas, com que respondia aos seus reparos, o cavalheiresco impeito de lhe gritar a verdade, e de o acusar de ser um instrumento e um protector da decadencia em que sobrevivia Portugal. E em u m voluntuosidade de se exhibir superior e ilustrado, canas de grandes obras de reforma, de ser um rei liberal e sabio, salvador da nação, intimidado da Inglaterra, como o seu mestre odiado dos estadistas ingleses, que elle imprudentemente se vingava, com uma desgraça infantil, d' aquelle inglês orgulhoso, que tão superiormente contrastava, pela intelligencia, pela ilustração, pela liberalidade magnifica, com o Portugal monástico e ignorante, empobrecido, e decadente por outre de passeava, com sequitos, reavass de lacatos, a grandeza de lord e a magnificencia de Cresna.

Durante longos momentos, os dois contemplaram-se calados. O Principe do Brasil estava pálido, com a rima fina do punho fechada na mão esquerda, a palma da mão direita, aberta, sobre o punho de ouro do bastão.

Lord Beckford ergueria a cabeça, deixaria de fitar as fiavelas dos seus sapatos, empoeirados da jornada.

Finalmente, D. José adiantou um passo.

— Ossen silencio, lord, diz-me com eloquencia que as minhas maluas o não convencem!

— Perdão, Alteza. Muito seria para censurar que um estrangeiro se entrevisse, sem direito o competencia, a formular opiniões sobre os homens politicos de um país hospitalaire.

— Isso não o impedia de os defender...

— Para estranhar seria que os atacasse, Alteza... De todos temo receedido provas de deferencia, que me honram, o de benevolencia, que me tornam grato... todos nós, na Turlaterra, somos educados no respeito nolhos publicos. Ainda uma vez peço perdão à Vossa Alteza Sereníssima, mas negligem direito me cabia de discutir a grandeza do Portugal.

— Às o menos, não m'o recusa a mim, lord?

— Senhor.

— E' me lícito, como principe de Portugal e herdeiro do throno, discutir os actos e as possessas dos ministros da coroa!

— Senhor.

— Parece-me que não só uso de um direito, mas cumpro um dever, em zelar o patrimônio dos reis meus avós, acusando os homens que, por falta de talento, de dedicação e de carácter, o comprometem! Imaginava encontrar em si, lord, um homem desrido de preconceitos, com quem pudesse desabafar d'esta vergonha e d'este opprobrio enormes! Esperava que o seu coração, apesar de inglés, se abrisse com sympathia para recolher esta nobre dôr! Supunha que em sua nobre consciencia me faria justica... Mas o lord respondeu as minhas lastimas com elogios aos inimigos da minha nação! A nossa miseria parece agradar-lhe! A nossa descendencia parece regostalhe! A nossa submissão de escravos parece-lhe digna diante da liberdade do povo inglés!

— Vossa Alteza está sendo injusto na apreciação dos meus sentimentos! — observou lord Beckford com a mais respeitosa atitude.

— D. José sacudiu a cabeça.

— Por acaso, quando lamentei a possima conservação das estradas, não me responder que as achava excellentes?

— Para caminhos de campo...

— Ainda que o fossem! Mas não são! A estrada da Queluz é uma estrada real!

— Pensei que era uma estrada comun

— Ao rei e ao povo, por certo! Nada de que o dos reis deixa de pertencer ao povo. Os proprios reis o são por vontade soberana dos povos!

— Ou por vontade de Deus e direito divino, Alteza!

— Assim fallam os cortezões, lord; — mas os principes! Mas desculpam a estrada... Lastimemo-a pela perseguição inevitável dos mendigos e dos caes vadios... O lord levou a sua indulgência para comosso ate ao extremo de não reparar nos mendigos e nos caes... Pois os primeiros lamuriam bem alto atraz dos viajantes e os segundos ladram bem furiosamente atraz das sejas! Também foi para me não offendere o orgulho de portuguez, que tão graciosamente os seus olhos de observador e os seus nervos delicados de fidalgos se não incomodaram com a algariza vergonhosa, digna, quando muito, do imperio do Grão-Turco?



MARQUEZ D DE MARIALVA



A LAPIDE DA SEPULTURA DO ALFAGEME DE SANTAREM QUE APPARECEU NO QUARTEL DO CARMO

A lenda do Alfageme de Santarém, de que se podia dividir pelo extraordinário, isto apesar do drama de Garrett e sobre tudo da cronaca de Fernão Lopes, araba de se tornar um indicativo de que o velho teria morrido já em dia de São João, a quem Nau'Alvares, primeiramente sepultado em cemiterio, Fernão Lopes diz assim a scena entre o grande guerreiro e o fabricante de espadas: «Um dia a tarde depois da cela, saiu Nau'Alvares a folgar pela praia a fender contra a egrão da Santana Cruz, e passando pela porta da igreja vinha atraido por um som que lhe havia logo corregido a tontura e os sonhos, pegou-lhe-se-lhe curiosidade assim noua sua e elle responderam que sim e muito melhor ainda: e Nau'Alvares fez logo ir por elas e mandou-lhá-las dar, que corregesse. Outro dia tornou Nau'Alvares por ali a tarde e ahou-a

corregida, muito a sua vontade e tomo-a na mão, sendo como ella ledia; e mandou a um seu escudeiro que lhe pagasse bem o seu trabalho. O alfageme respondeu a disse: «Senhor, se por ora não querem que eu pague, mas inviso, muito mais tarde o pagamento, no santo Conde de Ourém, e quanto me pagareis o que merecerei». «Nao me chameis Iacob r., disse Nau'Alvares, que o não sou mas ladrão quer que vos paguem bem». «Senhor, em voto dico verdade e assim será feito prazeroso a Deus».

E assim foi. Pouco tempo tornou elle ali Conde de Ourém e pagou bem o encargamento da espada. E a lapide de homenagem do condestavel ao Alfageme que um acaso fez descobrir no claustro do velho convento do Carmo.



O ACTOR ÁLVARO CABRAL

Cuja festa artística se realiza amanhã terça-feira com a peça a *Castello*, tradução do nosso collega Acciatio de Paix-

CHRONICA ELEGANTE

Não são só as festas nocturnas, teatros, saraus, bailes, nem também as visitas, as *malinhas* elegantes, que actualmente atrahem as atenções das elegantes. Devemos lembrar que esta época é fótil em casamentos e que são estes outros tantos pretextos a exhibição do elegancia mundana. Dois enlaces altamente aristocráticos e brilhantes celebrados ultimamente em Paris for-



FIGURA 1

neceram ensejo à apparição de *toilettes* do mais luxuoso apuro.

Na alta roda tem-se abandonado um pouco a *toilette* de noiva muito de phantasia e fanfreluches.



FIGURA 2

O ultimo tom é favorável ao vestido pesado e molle de setim, ondulante e riquíssimo, muito simples no que respecta a garnições, constando estas apenas de rendas antigas e valiosíssimas, que se ostentam na sala, no corpo, ou no véu, conforme aquillo de que se pôde dispor.

A *toilette de contrat* é sempre também da maior elegância e geralmente é de rosa, conservando na sua opulencia o *cachet* de simplicidade que convém ainda a uma menina solteira.

As *demoiselles d'honneur*, a quem outrora era vedada a *toilette* branca, a fim de se não confundirem com a noiva, adoptam agora essa cor, que se torna encantadora no conjunto formado por aquelle cortejo alvo, juvenil e deliciosamente fresco.

As *toilettes* das convidadas variam conforme as idades e as circunstancias. Antigamente a mãe do noivo vestia invariablymente de preto, talvez por se presumir que devia sempre ser viúva e edosa. Fazemos esta observação porque em França e em muitos outros países as viúvas não são eternamente condenadas ao preto, roxo, pardo e outras cores semelhantes como se usava entre nós.

Passados os dois primeiros annos de luto pesado e aliviado, trajam como qualquer outra simples mortal, a não ser que a sua idade ou o seu coração sandesos lhes tolham tudo quanto possam ter aspecto garrido e elegante.

Assim os cortejos de casamento são sempre, além de opulentos e ricos, muito brilhantes e alegres, pois todos procuram evitar qualquer nota sombria e tristitia que possa anuirar por pouco que seja as alegrias próprias de tão festivas cerimónias.

Fig. 1 — *Trajeté La nuit em setim azul* electrico coberto de tulles preto semeado de lantejoulas e estrelas *clair de lune*. Tonudo figurando morcego; morcegos de velludo e meia-lua prateada sobre o vestido; azas de tulle preto.



FIGURA 3

Fig. 2 — *Chapéu de cerimonia em velludo verde esmeralda e pluma branca*.

Fig. 3 — *Toilette de contrat em laffetas cor de rosa, com marabutins cor de rosa e rendas brancas*.



A Companhia

Franceza do

GRAMOPHONE

Faz saber ao publico em geral e aos seus clientes da província que andam por fora alguns caixeiros viajantes que se dizem empregados da **Companhia Franceza do Gramophone**, apresentando discos e aparelhos que nada tem de commun com os productos da mesma companhia, já pela sua flagrante inferioridade, já pela sua procedencia e **AVISA** que os seus empregados e caixeiros de província são obrigados a apresentar uma carta assignada pela gerencia da mesma companhia, e que só a elles devem ser dadas as encomendas.

Agentes em Lisboa da

COMPANHIA FRANCEZA DO GRAMOPHONE

A. C. CALDERON, Rua de S. Nicolau,

SANTOS DINIZ, Avenida da Liberdade,

LEOPOLDO WAGNER, Rua do Ouro, 72.

EDUARDO BAPTISTA, Rua do Ouro, 175

Agente no Porto

Arthur Barbedo, Rua Mousinho da Silveira, 310, 1.^o

Agente em Braga

Manuel António Maneiro Gomes

Nova instalação da Companhia Franceza do

GRAMOPHONE

Largo da rua do Príncipe,
8, 1.^o — Lisboa



A. VIEIRA DA SILVA — ALFAIADE DA ELITE

28, Praça dos Restauradores, 28 — (Avenida Tailor) Palacio Foz, Lisboa

Succursal na Figueira Rua Bernardo Lopes, em frente do Casino Peninsular

Fazendas de alta novidade e finissimo gosto e mais artigos de luxo para homem



COMPANHIA DO PAPEL DO PRADO

Sociedade anonymous de responsabilidade limitada

Acções.....	360:000\$000
Obrigações.....	338:670\$000
CAPITAL Fundo de reserva e de amortização.....	205:000\$000
Réis.....	903:670\$000

SEDE EM LISBOA

Proprietário das fábricas do Prado, Mariana e Sobrelinho (Tomar); Penedo e Casal d'Hermio (Louzã), Vale Maior (Albergaria-a-Velha)

Installadas para uma produção anual de cinco milhões de kilos de papel e dispondo dos mecanismos mais aperfeiçoados para a sua industria

Tem em deposito grande variedade de papel de escripta, de impressão e de embrulho

Toma e executa promptamente encomendas para fabricações especiais de qualquer qualidade,

de papel de máquina continua ou redonda e de fôrma

Fornecendo papel aos mais importantes jornais e publicações periódicas do país, entre as quais Diário do Governo, O Século, Diário de Notícias, Jornal do Comércio, Diário Ilustrado, Correio da Noite, Tarde, Folha da Tarde, Mundo, Voz do Operário, Notícias, Liberal, Jornal da Noite, Debate, Arcos-Iris, Touril, Paródia-Comédia Portuguesa, Gazeta dos Caminhos de Ferro, Via-Ferrea, Palavra, Jornal de Notícias, Primeiro de Janeiro e muitos outros de Lisboa, Porto, províncias e ilhas

Escriptorios e depósitos | Lisboa — 270, Rua da Princeza, 276
Porto — 49, Rua de Passos Manuel, 51

| Endereços telegráficos: Lisboa: Companhia Prado | Porto: Prado — Lisboa - Número telefônico 805

NESTLE

FARINHA LACTEA

MERCURIO Companhia de Seguros
Marítimos e Terrestres
Capital: 2.000:0000000

Depósito no Thesouro Federal Rs. 200:000\$000

(Autorizada a funcionar por carta patente n.º 2)

Incorporada pela Associação dos Emigrados no Comércio

do Rio de Janeiro

41, RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 41

JURADO AO RATOUS SEUJO DO COMÉRCIO

RIO DE JANEIRO

Tem pago sinistros, abatendo resguardos, em seis semestres,

mais de 1.000:000\$00 réis

Diretoria: José Góes, Juiz, thesoureiro, Thomas Costa

e Joaquim Nogueira da Rocha

Endereço telegr. AZOURUE (Ced. Ribeiro) — Caixa do correio n.º 36 — Telefone 339

Tem agência no Porto e em outras cidades



Perola Thesouro do Estomago PREPARAÇÃO

LUIZ DIAS AMADO PHARMACEUTICO P/ LA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

GRANDE EXITO!

Este preparado não contém toxico algum e cura radicalmente todas as doenças do estomago. Pelas virtudes que o recomendam chama-se para elle a atenção dos senhores médicos aliás que bem o observem na sua composição e nos seus efeitos, pois não extraiem na sua formula a menor parte da vacina. Itra sempre o preparado facilitando a função dos fermentos digestivos: a digestão fermentando os alimento assim tornando-sa solúveis e peccante assimilação; a pepsina fermentando ate carne; a pancrease emulsionando as gorduras, tornando dirigíveis. A temperatura normal a digestão realiza-se independentemente da variedade. — A Perola Thesouro do Estomago contém ainda principios amigros recomendados como ação tonificante, estimulante, antidiarréica, antiespasmódica, antiseptica, antiseptica das funções estomacais, a gástrica, a cítrica, os excessos de ácidos, destrutiva os microscópicos fungos das funções estomacais. Actuando sobre o sistema nervoso acalma os nervos, como por exemplo, fazer passar o inflito doente do inferno à glória, o que justifica o epithetum humoris de PEROLA THESOURO DO ESTOMAGO = Uma pequena colher de chá, rasa, a seguir a cada refeição com auxilio dum pouco d'água.

PRECÇO DO FRASCO 1820 réis

Depósito geral: Pharmacia Dias Amado — 50, Rua do Carmo, 52 — E em todas as pharmacias do país

ARTISTICA ENCADERNACAO

Brilhantes capas em percalina encarnada, a ouro e prata, superiormente ilustrada por Santa Silvia, como indica o desenho Junto, para a encadernação de cada semestre da nobre revista a quinta de 1.250 réis assim distribuidos

Capa	700 réis
Encadernação	300 réis
Porta de caminho de ferro	150 réis
Envolgimento	100 réis
Total	1.250 réis

Os assinantes das terras em que não houver loja officina, podem obter a encadernação luxuosa da cada semestre da bela revista, nella quantia de 1.250 réis assim distribuidos

O MELHOR DIGESTIVO — TONICO — NEVROSTHENICO

VITALOL

DE
Meyrelles & Moura Brasil

A clínica — o experto
tribunal da ciencia — tem sancionado o valor
curativo do VITALOL nas
máximas entidades da perda
de peso, obesidade, Tubercolose,
osteoporose, diabetes, tiroxina,
Neurosthenia — Insomnio —
Síndrome do campo, peristaltismo
desencadeado — Impotencia —
Esgastrismo — etc.

DEPÓSITOS

Rio de Janeiro: Rue S. Pedro, 59 — Rue Gonçalves Dias, 71
Bakst: Drogaria América

E EM TODAS AS RUAS PHARMACIAS

ARTISTICA ENCADERNACAO

ILLUSTRACAO PORTUGUEZA



EMPRESA DO JORNAL O SÉCULO